



Debaixo do viaduto Performances da resistência no Duelo de MC's¹

Carolina Abreu ALBUQUERQUE²
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Resumo:

Sob o pano teórico dos Estudos Culturais, este trabalho pretende fazer uma abordagem acerca das performances de jovens rappers que se apresentam no Duelo de MC's, evento de hip hop organizado semanalmente em Belo Horizonte debaixo do Viaduto Santa Tereza, um dos cartões postais da cidade. Através da apropriação de ferramentas do método etnográfico e da análise discursiva, tal como proposta por Stuart Hall (2002), o trabalho busca compreender como os MC's constroem, em sua performance, uma idéia de resistência, reivindicando um lugar para si no espaço urbano.

Palavras-chave: resistência; culturas juvenis; hip hop; estudos culturais; comunicação e culturas urbanas.

Introdução

A mudança de paradigma que envolve os estudos em comunicação trouxe contribuições para diversas abordagens e eixos temáticos. No campo teórico dos Estudos Culturais, a compreensão da natureza relacional do processo comunicativo ilumina a concepção das relações de poder como inseridas em um cenário de hegemonia. Cultura hegemônica e resistência popular passam a ser pensadas na relação que estabelecem entre si, destituídas de qualquer pretensão imanentista ou totalizadora.

Autores contemporâneos apostam nas formações culturais juvenis como lugares privilegiados para analisar a relação entre resistência e hegemonia. A partir do momento em que a resistência deixa de ser pensada como “substância” (para uma compreensão mais abrangente e relacional), multiplicam-se as possibilidades de estudo das interações entre o popular e o hegemônico, e sua relação com identidades culturais. Ademais, o estudo das identidades perde também seu caráter estático, abrindo o leque de posições assumidas pelos sujeitos.

¹ Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais, do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMG - e-mail: carolalb@gmail.com



Nesse sentido, tomamos como objeto³ os Duelos de MC's, realizados semanalmente em Belo Horizonte desde 2007, em que jovens rappers da cidade protagonizam batalhas de improviso de rimas ao som de DJs. O encontro, organizado pelo coletivo de hip hop Família de Rua, acontece às sextas feiras à noite, no espaço debaixo do viaduto Santa Tereza. Por meio da observação participante dos duelos e da análise discursiva da performance dos MC's, procuramos perceber como os sujeitos, a cada batalha, se apropriam diferentes elementos do discurso hip hop para configurar uma idéia específica de resistência.

O artigo busca revelar as posições que os MC's assumem nas batalhas, relacionando-se com modelos socialmente constituídos. Compreender a *performance* dos sujeitos nos duelos de MCs é, desse modo, explicitar os liames dos embates culturais no âmbito da negociação. É dizer dos diversos discursos que circulam em nossa sociedade, da forma como são apreendidos, elaborados e apropriados pelos sujeitos, em constante tensionamento. Em última instância, é fazer emergir, das práticas culturais e sociais, algo do que as constitui.

O camaleônico conceito de resistência

O embate entre *dominações e resistências* (traduzido muitas vezes nos termos de *cultura dominante X cultura popular*) permeia o campo dos estudos culturais sem constituir um consenso entre pesquisadores. As controversas discussões em torno do agenciamento⁴ dificilmente partem de um (ou chegam a um) denominador comum, seja para analisar os usos dos produtos midiáticos, o consumo das modas culturais ou os estilos de vida de subculturas. Como resultado, a noção de *resistência* é historicamente invocada de forma bastante indiscriminada.

Ao debruçar-se sobre as nuances desse conceito, João Freire Filho (2007) atribui a ele um caráter “camaleônico”, por ser usado para definir desde as mais conscientes artimanhas de ação política até as mais volúveis formas de consumo. Essa “elasticidade

³Este artigo é resultado da monografia de conclusão de curso “Debaixo do viaduto: performances da resistência no Duelo de MC's”, apresentada ao curso de Comunicação Social da UFMG em junho de 2010. Agradecemos à Simone Rocha, orientadora do trabalho, por todas as contribuições.

⁴João Freire Filho define o agenciamento como “capacidade mediada socioculturalmente de agir de modo propositado (e, por vezes, criativo) diante de imposições coercitivas e estados de dominação, impedindo, fortalecendo ou catalisando mudanças em normas, sanções e hierarquias culturais e sociais” (FREIRE FILHO, 2007, p.13).



conceitual” da resistência é problemática na medida em que torna difícil estabelecer parâmetros para a discussão acerca do poder e da subjetividade – discussão que é ontológica para os estudos culturais.

Freire Filho, em um esforço de classificação das posições epistemológicas que orientam o uso do conceito camaleônico, segue uma divisão esquemática entre o que seriam noções *modernas* e *pós-modernas* de resistência.

Nas perspectivas modernas, o poder (arraigado na estrutura de classe ou no patriarcado) constitui algo que é possuído pelo grupo dominante e é exercido contra o subordinado; o subalterno é capaz, por sua vez, de resistir e tentar tomar o poder. (FREIRE FILHO, 2007, p. 15)

Essa concepção está ancorada em uma idéia racionalista de sujeito, que seria pré-discursivo, internamente coerente, clara e conscientemente posicionado frente à dominação.

A noção pós-moderna, por outro lado, coloca ênfase nos fluxos de poder, na construção fragmentária das subjetividades. Freire Filho destaca o papel que assumem a contingência e a contradição nessa concepção, em que se enxerga a possibilidade de brechas, ou fissuras, no processo de interpelação e constituição discursiva.

“Nesse processo, conhecimentos, verdades e rótulos pré-estabelecidos que disciplinam e assujeitam, mecanismos de controle que anestesiam a potência criadora podem ser questionados, reinterpretados, desautorizados e alterados.” (FREIRE FILHO, 2007, p. 17).

Apropriando-nos da classificação do autor, pensamos ser possível relacionar essas noções a uma discussão mais ampla no interior dos estudos em comunicação e cultura, no que diz respeito ao entendimento mesmo da dinâmica dos embates entre dominações e resistências. Partimos da percepção da grande recorrência, nos estudos da cultura, de um movimento de redução da relação entre os dois domínios (dominações e resistências, dominante e popular – e, em última instância, estrutura e sujeito) a uma polarização.

De um lado, teorias macrosociais desconsideram qualquer capacidade de agenciamento por parte dos sujeitos, “vistos como passivos executantes das práticas impostas pela dominação, incapazes de distinguir, entre as mensagens, quais as que lhes são benéficas ou prejudiciais” (CANCLINI, 1985, p. 67). A balança do poder, nesse tipo de estudos, pende sempre para o lado da estrutura, dos discursos, da determinação

incontestável da ação social pelas imposições da cultura dominante, que tudo engole e encapsula.

De outro, estudos das culturas populares operam a partir de propriedades que seriam intrínsecas ao “popular”, atribuindo-lhe uma essência a-histórica capaz de resistir a qualquer mudança estrutural. A atribuição dessa autonomia pura aos sujeitos negligencia tanto o contexto histórico, quanto o peso de condições pré-determinadas e instituições sociais.

Na pressuposição de que a tarefa da cultura hegemônica é dominar, enquanto a da subalterna é resistir, muitos estudos parecem não ter nada mais a investigar além dos modos pelos quais uma e outra cultura desempenham seus papéis nesse roteiro. (CANCLINI, 1985, p. 74).

A compreensão dessa relação em termos binários impede o entendimento da globalidade do debate, na medida em que considera ambos os lados como pólos isolados. Acreditamos que a *noção moderna* de resistência, tal qual classificada por Freire Filho, está calcada nesse esquema conceitual – estático, estanque, em que dominação e resistência são entendidas como substância, ou seja, como algo em si mesmas. É a partir do momento em que a cultura e os embates culturais passam a ser pensados em um cenário de *hegemonia* que se torna possível superar esse entendimento.

Ao tomarmos a hegemonia como um pressuposto, não faz sentido compreender “o popular” como espaço de resistência e “o hegemônico” como lugar da dominação. A fixidez dessas categorias – “o popular”, “o hegemônico” – é necessariamente relativizada. Uma e outra instância se constituem na relação que estabelecem na luta cultural, nas trocas comunicativas, nos movimentos de ceder, resistir, valorizar, incorporar, *negociar*.

Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas. (HALL, 2009, p. 239)

Há uma mudança significativa no foco: agora localizado nas trocas simbólicas, formas pelas quais hegemônico e popular se entrelaçam no entrelaçamento mesmo de discursos, valores, significados; na luta cultural como um processo histórico e contínuo;

na cultura como cenário, matéria-prima e produto desse processo, constitutiva e constituída nas práticas e nas relações dos sujeitos, permeadas por relações de poder; nos processos de identificação desses sujeitos em identidades de natureza narrativa e discursiva, transitórias, móveis, performativas e possivelmente contraditórias.

É aí que pretendemos nos inserir: em uma compreensão relacional, para além das dicotomias, do cenário poroso e híbrido em que a resistência se constitui – marcada pelo tensionamento, atravessada por relações contraditórias e movimentos de *negociação*.

Nesse sentido, a resistência não pode ser entendida simplesmente como uma oposição. Nosso entendimento aponta para a utilização do conceito como uma *proposta de relação*. Não pretendemos, portanto, ao olhar para o Duelo de MC's, analisar a resistência em si, como algo *a priori*. Procuramos, sim, buscar os discursos que são acionados pelos sujeitos para construir uma idéia de resistência – uma idéia que é específica e contingente, e que se constrói no momento mesmo da interação.

Partimos da percepção de que os discursos que circulam culturalmente acerca do movimento *hip hop* o associam com muita recorrência à idéia de resistência, oposição e contra-cultura. Ou seja: entendemos que há um conjunto de representações generalizadas (DAYRELL, 2005) acerca do *hip hop*, que compõem uma imagem específica com a qual os sujeitos irão dialogar: uma imagem de resistência. Buscamos entender, assim, como é construída uma idéia de resistência a partir do tensionamento e da articulação, nas batalhas dos MC's, desses discursos diversos, e de sua apropriação pelos sujeitos.

Batalhas de rima em Belo Horizonte: acerca do duelo de MC's

O *Duelo de MC's* é um encontro de *hip hop* realizado semanalmente em Belo Horizonte desde 2007, cuja atração principal está nas batalhas de rima. Desde os guetos nova-iorquinos, considerados o berço da música *rap*, até a apropriação da batida no cenário urbano brasileiro, as batalhas entre MC's são uma prática comum. Semelhante ao repente nordestino, a batalha é uma competição em que, ao som da batida *rap*, os participantes devem bolar provocações e respostas improvisadas ao oponente, utilizando o recurso da rima. No encontro de BH, as disputas são organizadas pelo coletivo

*Família de rua*⁵ e acontecem às sextas-feiras à noite, no espaço debaixo do Viaduto Santa Tereza.

Os duelos seguem uma estrutura geral de funcionamento: qualquer um que esteja presente no encontro pode se inscrever. Se o número de inscritos for maior que 8 (número padrão em que se realizam as disputas), são sorteados os MC's que irão participar. Cada um deles paga uma inscrição de R\$ 2. A soma das inscrições constitui o prêmio do vencedor da noite (geralmente, portanto, R\$ 16). É realizada a primeira fase das batalhas, de cunho eliminatória, restando duas duplas para a semi-final. Há um intervalo, em que podem acontecer “*pocket shows*” (apresentações curtas de *rappers* locais), sempre seguidos da roda de *b.boys*, em que o DJ toca uma seleção de músicas para que se dance o *break*. De volta às batalhas, há as semi-finais e as finais. O campeão da noite, além de levar para casa a soma das inscrições dos participantes, tem direito a fazer um *freestyle* de um minuto. Ou seja, improvisa sozinho sobre o que preferir, acompanhado de uma base colocada pelo DJ. Em algumas edições dos duelos, grafiteiros se ocupam das pilastras do viaduto simultaneamente às batalhas.

As batalhas, por sua vez, podem ser “tradicionalistas” ou “temáticas”. Nos duelos tradicionais, são feitos dois *rounds*, em que o DJ coloca uma base de *rap* de 45 segundos para cada MC. Os oponentes se alternam, desferindo rimas um contra o outro, afrontando-se diretamente. “As batalhas temáticas”, ou “duelos do conhecimento” são edições especiais, estruturadas de outra forma. No início do duelo, é colocado um quadro negro no palco. Nele, é escrito o tema (“direitos culturais”, “por que não a união?”) e 4 ou 5 palavras do mesmo campo semântico. Os MC's não devem se afrontar diretamente, mas elaborar rimas em torno do tema, usando ou não as palavras relacionadas. Há apenas um *round*, com 60 segundos para cada MC.

Alguns apontamentos metodológicos

Para empreender uma leitura da performance dos MC's nos duelos, optamos por construir um método de imersão, apropriando-nos de alguns princípios da abordagem etnográfica. Ainda que uma descrição detida do duelo não fosse nosso foco principal, interessava-nos bastante perceber as relações ali estabelecidas, o modo como os

⁵Daqui em diante, FDR.

presentes experienciavam as batalhas, suas impressões e entendimentos acerca do que se passava.

Dentre os pontos envolvidos no método etnográfico, destacamos para nossa investigação o procedimento de observação participante. Ao tomar o *hip hop* como uma subcultura juvenil, partimos da proposta de experienciar os duelos, deixando-nos afetar pelo fenômeno – e sem grandes pretensões de distanciamento na relação aí estabelecida. Assumindo a subjetividade envolvida no processo de observação dos duelos, optamos assim por vivenciar o evento em meio ao público, com o público e como público – vibrando com a sagacidade das rimas, estabelecendo MC's favoritos, escolhendo a quem e como aplaudir.

No entanto, entendemos nossas limitações e distanciamentos frente à proposta antropológica. Em primeiro lugar, pela natureza de nosso problema de pesquisa: reforçamos que nosso objetivo não é fazer etnografia, mas nos apropriar de ferramentas e conceitos do método etnográfico para responder a uma questão que é *comunicacional*. Em segundo lugar, pela própria relação que pudemos estabelecer com o objeto. É preciso reconhecer que nossa investida acerca do Duelo de MC's tratou-se de uma pesquisa curta: não freqüentamos os duelos por tempo suficiente a ponto de estabelecer uma maior integração ao ambiente.

Como *corpus*, tomamos o registro em diário de campo da observação dos duelos em seu local de realização, o espaço debaixo do Viaduto Santa Tereza, no centro de Belo Horizonte. O material levantado para a análise foi coletado em cinco edições do Duelo de MC's (12 de março, 23 e 30 de abril, 07 e 21 de maio de 2010). Percepções e notas tomadas em outros duelos freqüentados complementam e amparam a análise, bem como material coletado por meio das entrevistas com os membros do Coletivo Família de Rua.

Constituído o corpus, partimos para a análise da performance dos MC's, que buscamos empreender nos moldes de uma análise discursiva (HALL, 2002), levando em conta os conceitos de discurso e representação em uma concepção foucaultiana. Uma abordagem discursiva preocupa-se em compreender como o conhecimento produzido pelos discursos relaciona-se com o *poder*: regula condutas, constrói identidades e subjetividades e define a forma como as coisas são representadas, pensadas, praticadas



(HALL, 2002). A análise discursiva pretende fazer emergir os discursos dos enunciados, revelando representações e sentidos consolidados.

Partindo desses apontamentos, a *performance* funciona aqui como um importante operador conceitual para identificar o lugar de onde buscam falar os jovens MC's. Acreditamos que, fazendo uso do *rap*, os jovens da periferia constroem para si um lugar, posicionando-se em relação a uma imagem que também constroem do hegemônico, em uma *performance* de resistência. Uma análise discursiva dessa performance busca entender *como* esses sujeitos colocam em cena discursos específicos ao estabelecer relações e fronteiras identitárias. Que discursos são esses? Que representação de resistência é evocada? Como essa representação é materializada na performance? Que tipo de relação se busca estabelecer? Em suma, *como os jovens MC's configuram, em sua performance, uma idéia de resistência?*

Pela observação dos duelos, consideramos que a performance dos MC's tinha diferenças substanciais conforme a natureza “tradicional” ou “do conhecimento” do duelo. Nos primeiros, os MC's procuram, em seu improviso, mostrar como são superiores ao oponente – seja vangloriando-se de seu talento ou diminuindo o outro. Questões comumente associadas ao universo *hip hop* (como o respeito, a contestação, a periferia) aparecem como pano de fundo, sendo vez ou outra ressaltadas na rima. Nos segundos, percebemos uma inversão: a ênfase do improviso está nas questões ligadas ao movimento *hip hop* – orientadas pelos temas propostos. Quando o MC tem dificuldade de elaborar em cima disso, acaba recorrendo ao movimento de vangloriar-se / fazer chacota com o oponente.

Nesse sentido, optamos por orientar nossa análise a partir da divisão em duas categorias, buscando contemplar um e outro tipo de duelo. É importante ressaltar que a divisão em categorias não pretende alienar os dois tipos de duelo, mas justamente colocá-los em relação: é a partir de sua contraposição que podemos observar como a performance dos MC's configura idéias de resistência que podem (ou não) divergir. Classificamos, assim, como *Batalhas de afirmação* os duelos tradicionais e como *Batalhas de institucionalidade* as edições temáticas, buscando compreender como, em um e outro caso, os MC's acionavam diferentes discursos em sua performance.

Batalhas de afirmação

Os chamados “duelos tradicionais” seguem uma estrutura simples: uma lógica de ataque e resposta cujo objetivo é vencer o oponente. Os MC's trocam rimas de provocação, desafiando um ao outro. Nossa análise propõe um entendimento de como as diversas formas de ataque ao adversário configuram uma espécie de *afirmação*, de auto-afirmação frente ao oponente, ao público e ao *hip hop* de forma geral.

A ofensa pessoal é um recurso bastante utilizado: “*Você é muito pequeno, eu vou te destruir*”; “*Sua mãe tinha um sonho de ter um filho homem*”; “*Você que é um playboy, tá pagando de roupinha original*”. Idéias explicitamente relacionadas ao universo *hip hop* são menos recorrentes, convocadas vez ou outra nas rimas. “*Do lado leste eu venho, sempre fortalecendo o movimento*”; “*Vou pregando a verdade, pra minha comunidade. Santa Luzia, periferia*”; “*Falou de Santa Luzia, se liga, é rap mineiro. Eu respeito, sem preconceito*”.

O recurso a rimas violentas é sempre presente: “*Vou colocar sua cabeça numa bandeja*”; “*Me olha desse jeito que eu chuto a sua cara*”; “*Parceiro, cê tá ligado, vou te pôr é no bueiro*”; “*Eu não sou boxeador, mas você vai virar o meu saco de pancada*”; “*Tá de braço cruzado? Sua idéia vai ficar mais cruzada que a sua cara arrebatada*”. Pode ser possível tomar a *agressividade* como um *tom preferencial*, uma marca característica na proposta de relação simbólica que o *hip hop* e sobretudo o *rap* buscam estabelecer. A performance dos MC's é bastante marcada pela agressividade, materializada não só nas rimas violentas, mas na gestualidade e no tom de voz da grande maioria dos MC's. No entanto, é importante perceber como o recurso à violência constitui apenas mais uma chave de ataque, mais uma posição que os sujeitos podem assumir no jogo da rima.

Outro recurso muito recorrente de ataque refere-se à desqualificação da rima do outro. “*Você pensa que é MC, mas não tem vocabulário*”; “*Eu te digo, parceiro, que você não representa*”; “*Você não tem o flow, não tem o proceder*”. A essas provocações, um tipo de auto-afirmação constitui o oposto: “*Eu rimo com a platéia, vou até o fim nessa odisséia*”; “*Porque parceiro, aqui eu mostro o meu proceder, aqui eu vou representar. Porque parceiro, eu vou te matar*”; “*Eu sou muito pequeno, mas sou MC. Esse cara nunca ouviu falar de Goliás e de Davi?*”. Parece estar em jogo, nessas

formas de provocação, um ideal do que é *ser um MC*. Mostrar ou ter “*proceder*”, “*representar*”, é fazer rima com consciência, é ter sagacidade, estilo e inteligência, saber levar a batalha “*no sapatinho*”, com respeito e sem violência – características atribuídas a um *verdadeiro MC*.

Além disso, a figura do MC é comumente associada à *marginalidade*. Não em um sentido depreciativo, como muitas vezes ela é enquadrada, mas como uma referência positiva. Rimas como “*Eu vou falar pros vagabundos, pros malucos*” e “*Vagabundo como eu*” são recorrentes, em um movimento de valorização do que está à margem. O MC torna-se uma espécie de representante, ou herói da marginalidade. Sua poesia não está nos livros, sua sabedoria não vem da escola. É no traquejo do improviso, na malandragem, “*no sapatinho*”, que eles se destacam, são reconhecidos e valorizados.

Percebemos que essa imagem do MC é uma figura fundamental para as batalhas tradicionais. Associar-se a essa imagem é se filiar a um discurso específico de rebeldia, de resistência. Está em jogo, nesses embates, construir e sustentar uma imagem pessoal perante o oponente e o público: a imagem do MC, inteligente e sagaz, cuja poesia está à margem do sistema. A cada batalha, os MC's buscam essa associação, por meio de sua performance: ofender e diminuir o adversário, por meio das diversas táticas de ataque construídas no momento mesmo do improviso, é um esforço por afirmação, por auto-afirmação. Argumentamos que o discurso de resistência incorporado nessas batalhas é acionado em um nível *individual*: nas batalhas tradicionais os participantes partem do ataque ao oponente *para se afirmar* como verdadeiros MC's, representantes legítimos do movimento.

Batalhas de institucionalidade

No Duelo de MC's, os chamados “duelos do conhecimento” surgem com inspiração nas “batalhas do conhecimento”, que acontecem no Rio de Janeiro: um tema é proposto no momento mesmo das batalhas, seguido de palavras de referência. A lógica das batalhas também é modificada, sendo reduzida para dois *rounds* de um minuto, cujo objetivo não é atacar o oponente, mas elaborar acerca do tema proposto.



A inserção de temas nas batalhas gera mudanças significativas na performance dos MC's. Ao mesmo tempo em que a batalha temática oferece alguma referência aos MC's, pelas palavras escritas no quadro, o caráter de improviso é potencializado, na medida em que fica mais difícil recorrer a jargões ou jogar com a rima do oponente. Embora a construção de uma imagem perante o público continue sendo importante, não se trata mais apenas de sustentar essa imagem, ou de se afirmar como superior ao oponente. É preciso articular a rima com uma questão maior, um tema que vem de fora. Argumentamos aqui que essa é uma diferença fundamental: os motivos das batalhas, o conteúdo das rimas, passam a ser orientados de forma muito mais forte pelo discurso que o *hip hop* constrói enquanto subcultura.

Dentre os duelos temáticos observados, o primeiro tema acionado foi “Por que não a união?” (seguido das palavras “positividade”, “luta”, “persistência” e “responsabilidade”). Nesse dia, as rimas dos MC's seguiram uma linha conciliadora, de valorização e exaltação da cultura *hip hop*: “*Aqui tem mais cultura que no Palácio das Artes*”; “*Quando eu rimo, eu tenho a resistência de Zumbi dos Palmares*”. Ao mesmo tempo, os MC's versavam como forma de reivindicação de consciência, respeito e união.

Em uma outra edição do duelo, a FDR optou pelo tema “heróis brasileiros”, para o qual foram elencadas as palavras “resistência”, “Zumbi”, “Tiradentes”, “Santos Dumont” e “Chico Xavier”. No decorrer das batalhas, percebemos que os MC's orientavam as rimas para entender o povo como herói: “*Todos os brasileiros são heróis, como a Dona Maria*”; “*Vou falar dos heróis que acordam às 5 da manhã pra trabalhar, pra sustentar a família*”. Em sua maioria, as rimas exaltavam às façanhas cotidianas de heróis e heroínas que “*ralam*” para sobreviver, acordam cedo para trabalhar e fazem malabarismos para sustentar a família com um salário “*ridículo*”.

No duelo temático “sistema monetário” (“escravidão”, “alienação”, “salário mínimo”, “bolsa de valores” e “capitalismo”), as rimas caminharam para a construção de um lugar oposto ao *hip hop*, à solidariedade, à batalha pela sobrevivência: o mundo do dinheiro, do capitalismo, ao qual os MC's se opunham. Mais uma vez, as palavras (desta vez propostas pela FDR) orientam a construção desse lugar, onde existem “escravidão” e “alienação”. Do outro lado, o “salário mínimo”, com o qual o oprimido



sobrevive. A desigualdade social era explicitada, bem como a dificuldade de “*se virar*” frente ao sistema: “*se a sua bolsa é de valores, na minha bolsa eu levo marmita*”.

O que se percebe, nas batalhas acima descritas, é um movimento de sobreposição da (auto) afirmação como MC por um discurso maior. Já não é importante se projetar *contra* o oponente, por meio de ataques, ofensas e respostas inteligentes: nesse momento, parece importar mais elaborar, por vezes *com* o oponente, em torno de um tema específico. Mas os temas em si não são tão relevantes. Eles são, sim, atravessados por um discurso maior, que toma a frente na construção das rimas. É bastante claro que as questões às quais os MC's vão recorrer estão dentro de um universo comum: acima de qualquer tema, parece estar a temática do *hip hop*.

Nessa medida, ao promover duelos temáticos, a FDR está se filiando ao movimento *hip hop* em seu sentido mais amplo, como subcultura de contestação. Está convocando todo um histórico de luta e construção identitária para amparar e legitimar sua prática. É nesse sentido que um discurso comum é convocado para elaborar rimas acerca de “união no *hip hop*”, “heróis brasileiros”, “sistema monetário” e “direitos culturais”: a idéia de cultura da rua, de contracultura, de periferia, resistência e respeito.

Quando performados pelos MC's, no contexto dos duelos, esses temas vão dizer de uma visada que é própria do *hip hop*, da identidade que a filiação a essa subcultura implica. Discursivamente, o lugar construído *pelo hip hop para o hip hop* vai além da marginalidade e da agressividade: envolve solidariedade e espírito colaborativo e, ao mesmo tempo, o caráter questionador e contestador dos movimentos sociais. Nesse sentido, podemos dizer que a idéia de resistência acionada nas batalhas temáticas é construída em um nível *coletivo*: remete a um certo discurso *institucional* do *hip hop*. Ao se distanciar do mundo do “capitalismo”, aproximando-se dos heróis populares, da “Dona Maria”, da marmita, os MC's engendram um movimento de identificação ao modo como o movimento se coloca diante da sociedade.

Performances da Resistência

Ao analisar a performance dos MC's no âmbito das batalhas pela afirmação e das batalhas pela institucionalidade, é possível, portanto, perceber uma inversão. Nos primeiros, é evocada uma idéia de resistência associada a um movimento de afirmação



individual, que gira em torno da figura do verdadeiro MC, de valores associados à marginalidade e do tom da agressividade, tendo a subcultura *hip hop* como pano de fundo. Nos últimos, o discurso institucional do *hip hop* assume a frente, direcionando a construção das rimas para uma idéia *coletiva* de resistência, baseada nos valores de contestação e solidariedade que atribuem ao movimento *hip hop* uma aura “do bem”.

Embora funcionem nessa lógica inversa, esses discursos não nos parecem conflitantes ou divergentes. Batalhas tradicionais e temáticas ambas operam na construção e atualização de uma idéia de resistência culturalmente associada à cultura *hip hop*, nas diversas dimensões da discursividade social. Resistência a um sistema que oprime e exclui o diferente, baseado em critérios de classe, cor e formação escolar; que delimita fronteiras e constrange interfaces entre centro e periferia, demarcando simbólica e materialmente possibilidades de acesso e intercâmbio. Mas que é capaz de absorver estruturas emergentes e de deslocar valores, em uma relação de negociação e tensionamento.

Nossa observação dos duelos revela diferentes formas pelas quais o imaginário *hip hop* se entranha na performance, ou é materializado por ela. Do nível mais elementar, como o uso de roupas largas, bonés e penteados afro; ao mais subjetivo, como a construção de uma imagem positiva à qual se associar, percebemos que a filiação dos sujeitos ao *hip hop* (e à resistência, especificamente) está mesmo presente como um pressuposto no Duelo de MC's, ativado e renovado a cada batalha. Argumentamos que a idéia de resistência é constitutiva do Duelo de MC's, sendo *performada* pelos jovens *rappers*. Nesse sentido, os sujeitos são, sim, posicionados por um discurso, que se propõe contra-hegemônico e contestador. Mas o fazem a partir de apropriações e re-significações que escapam ao controle normativo.

Há ranhuras. Convivem, no imaginário do *hip hop*, os heróis da bandidagem – os “vagabundos”, os “malucos” – e os heróis que acordam às 5h da manhã para trabalhar e sustentar a família com um salário mínimo. Convivem a agressividade, a marginalidade e a solidariedade. O *hip hop* pode se propor um discurso coeso, com delimitações claras de “nós” e de “eles”, mas a apropriação pelos sujeitos é contraditória: a performance revela e constrói contradições e nuances que não podem ser vistas ou ouvidas no

discurso do movimento. São pontos de apego, tão transitórios quanto a passagem do trem por detrás do palco durante as batalhas.

Considerações finais

Buscamos, ao longo deste trabalho, explicitar nosso entendimento de como jovens *rappers* configuram uma noção de resistência em sua *performance* no Duelo de MC's. Ao pensarmos na resistência como um conceito relacional e contingente – cuja idéia é freqüentemente associada ao *hip hop* e ao Duelo de MCs –, nosso objetivo era perceber como os sujeitos colocavam em cena diferentes discursos para se aproximar dessa idéia. Buscamos olhar para questões como: que discursos são acionados? Que sentidos são produzidos em torno da resistência? Como essa representação é materializada na performance dos MC's?

Para além da pretensão de chegar a respostas exatas, percebemos que a resistência é *constitutiva* da prática das batalhas. Ao subir no palco armado debaixo do viaduto, em meio a tantos outros jovens, os MC's evocam diversas representações (a marginalidade, a solidariedade, a democracia) para *performar* a resistência, orientados pelo grande guarda-chuva do *hip hop*. Nesse sentido, a performance é um movimento de identificação, ou seja, de filiação identitária. Quando chamam o discurso institucional do *hip hop* ou tentam se associar à imagem do “verdadeiro MC”, os sujeitos se aproximam de modelo normativo culturalmente constituído. Mas não o fazem sem deixar resíduos, a partir dos quais a resistência é reconstruída – batalha a batalha. São esses resíduos que agregam à idéia de resistência elementos diversos, mesmo contraditórios. É nessa medida que o movimento é reflexivo: se a resistência constitui as práticas dos MC's, é ao mesmo tempo por elas constituída, reconstituída, modificada.

O *hip hop* não deixa de ser um movimento de resistência – o conceito é que se amplia, passando a acolher novos significados. A partir da apropriação do discurso *hip hop* pelos sujeitos, o próprio discurso sofre modificações. A atuação do movimento *hip hop* nos anos 80 e 90 está ligada à valorização e defesa da cultura negra, à resignificação da periferia, recusa de estigmas e reivindicação de cidadania. Podemos estar acompanhando um movimento de renovação, que acolhe novas bandeiras e se associa a outras lutas do movimento social. Que dialoga com a indústria cultural,



incorporando alguns de seus elementos e permitindo-se por ela ser incorporado. Que sai da periferia e ocupa o centro, trazendo a classe média para dentro de suas ações. Que recorre a novas abordagens em relação ao poder público, novas formas de interação, associação e sustento.

Mas que nem por isso perde seu lugar discursivo como “contracultural”, ou deixa de constituir um ponto de apego identitário para os sujeitos. Dentro de uma formação discursiva, convivem diferentes elementos, aspectos conflitantes e contraditórios. Desvendar os interstícios da dinâmica cultural, entendendo os movimentos de negociação que constituem a relação entre valores hegemônicos e contra-hegemônicos, é encará-los no interior dos conflitos pela hegemonia. Este trabalho apenas aponta para essa discussão, em uma reflexão inicial decorrente de nossas percepções em torno do Duelo de MC's. Acreditamos que investir nesse caminho pode constituir um interessante mote para pesquisas futuras e trazer contribuições significativas para o entendimento das relações entre política, cultura e comunicação.

Referências bibliográficas

CANCLINI, NESTOR GARCÍA. "Gramsci e as culturas populares na América Latina". In: COUTINHO, Carlos Nelson e NOGUEIRA, Marcos Aurélio (eds.). **Gramsci e a América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

FREIRE FILHO, João. **Reinvenções da Resistência Juvenil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

HALL, Stuart. **Representation – Cultural Representations and Signifying Practices**. Londres: Sage Publications, 2002.



Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da
Comunicação

XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - São Paulo - SP - 12
a 14 de maio de 2011
